

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE PEDIATRIA

ANA PAULA DE MIRANDA

DESAFIOS DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE ON-LINE

Belo Horizonte

2023

ANA PAULA DE MIRANDA

DESAFIOS DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE ON-LINE

Monografia de especialização apresentada ao Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Orientadora: Dra. Nádía Laguárdia de Lima

BELO HORIZONTE

2023

Miranda, Ana Paula de.
M672d Desafios da transferência na análise on-line [recursos eletrônicos]. / Ana
Paula de Miranda. - - Belo Horizonte: 2021.
32f.
Formato: PDF.
Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

Orientador (a): Nádía Laguárdia de Lima.
Área de concentração: Saúde do Adolescente.
Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Medicina.

1. Psicanálise. 2. Intervenção Baseada em Internet. 3. Anamnese. 4.
Dissertações Acadêmicas. I. Lima, Nádía Laguárdia de. II. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: W 26.55.C7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE
ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA / TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA ANA PAULA DE MIRANDA

Realizou-se, no dia 02 de junho de 2023, às 14:30 horas, plataforma online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *DESAFIOS DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE ONLINE*, apresentada por ANA PAULA DE MIRANDA, número de registro 2019704441, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima - Orientador (UFMG), Prof(a). Patricia Regina Guimaraes (HC UFGM), Prof(a). Vinicio Araújo Martins (PBH). A Comissão considerou a monografia **APROVADA**.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 02 de junho de 2023.

Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima

Prof(a). Patricia Regina Guimaraes

Prof(a). Vinicio Araújo Martins



Documento assinado eletronicamente por **Vinício Araújo Martins**, Usuário Externo, em 21/06/2023, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Regina Guimaraes**, Médica, em 12/07/2023, às 09:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nadia Laguardia de Lima**, Professora do Magistério Superior, em 28/08/2023, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2399508 e o código CRC E69EA639.

Este documento deve ser editado apenas pelo Orientador e deve ser assinado eletronicamente por todos os membros da banca.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, luz e força que me inspira e abençoa.

À minha **Mãe**, por seu exemplo de vida, fé, trabalho e encantamento pelo estudo e conhecimento.

Ao **Henrique**, amor maior, motivação para ser melhor a cada dia.

Ao **Márcio**, pelo incentivo, apoio, parceria amorosa e companheirismo nesse tempo de monografia e na vida.

Aos **pacientes**, que tanto me ensinam de clínica e de vida, aguçando meu desejo de analista e de aprender.

À querida **Cristiane Grillo**, pelo acolhimento, propósito, paciência, compreensão e sensibilidade com que sempre me recebeu e por todas as oportunidades abertas.

À **Nádia Laguárdia**, pela orientação, objetividade, disponibilidade e inspiração.

Aos professores e colegas da Especialização, pela troca rica de experiências e aprendizado.

À **Patrícia Guimarães**, por acreditar em mim e em minha escuta desde o primeiro contato. E por me honrar como avaliadora deste trabalho.

Ao **Vinício** e à **Patrícia Spyer**, por gentilmente aceitarem fazer parte da mesa avaliadora deste trabalho.

“Como o palhaço, nos colocamos no ponto de vista do outro, reconhecendo a beleza e inteireza da vida que se apresenta diante de nós. Admitindo que nela as coisas estão como estão em função de suas próprias causas, motivos e razões. Partimos assim da hipótese de que naquela vida nós é que somos o estrangeiro, que precisa descobrir as regras daquela cultura, não é aquela forma de vida que tem que nos dar satisfações ou justificar-se segundo nossos critérios.

Como o palhaço, nos ocupamos de ler o sofrimento e a miséria dos outros, trazendo-os para nós mesmos e criando com eles alguma graça. O psicanalista não é apenas afetado cognitivamente pelo que seu paciente diz, mas também em seu corpo, em sua presença, ou no juízo mais íntimo do seu ser. Neste ponto, em que compartilhamos o dito e o semidito, no qual reconhecemos profundamente e sem meias-voltas os afetos piores e melhores, as certezas, mas também as indeterminações, que a escuta do analista e do palhaço ultrapassam a mera simpatia, criando a intimidade necessária para formar a empatia.

Assim, o pacto de acolhimento e hospedagem do outro é o começo da escuta. Se não conseguimos nos fidelizar na busca da “interessância” do outro, a buscar o ponto de vista no qual a viagem se tornará enriquecedora para ambos, provavelmente a relação de escuta se transformará em outra coisa: persuasão, exibição, concorrência ou animosidade, quando não educação e obediência”

(Christian Dunker e Cláudio Teba - O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas, p.68)

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo apresentar uma reflexão teórica acerca do fenômeno da transferência na análise online, investigando a possibilidade do estabelecimento da transferência neste ambiente virtual, e suas especificidades. Ela parte da premissa de que a transferência é condição essencial para o processo de análise. Para fazer esta reflexão, realiza o levantamento de alguns pressupostos teóricos que fundamentam a prática da clínica psicanalítica, em especial a transferência, na teoria freudiana e lacaniana. A partir da leitura de alguns autores que vêm se debruçando sobre o tema da análise online, em especial durante e após a pandemia do coronavírus, apresenta uma reflexão acerca desse novo “setting”, articulando-o com a experiência da própria autora em atendimentos online, que foi o ponto de partida desta investigação teórica.

Palavras-chave: clínica psicanalítica; transferência; análise on-line; análise presencial; *setting* analítico

ABSTRACT

This monography aims to present a theoretical reflection about the phenomenon of transference in online analysis, investigating the possibility of establishing transference in this virtual environment, and its specificities. It starts from the premise that transference is the essential condition for the analysis process. To carry out this reflection, it surveys some theoretical assumptions that underlie the practice of psychoanalytic clinic, especially transference, in Freudian and Lacanian theory. Based on the reading of some authors who have been working on the subject of online analysis, especially during and after the coronavirus pandemic, it presents a reflection on this new “setting”, articulating it with the author’s own experience in online consultations, which was the starting point of this theoretical investigation.

Keywords: psychoanalytic clinic; transference; online analysis; face-to-face analysis; analytical setting

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA: QUESTÃO DE PRESENÇA.....	10
3 OS DESAFIOS DO MANEJO DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE FÍSICA E NA ANÁLISE VIRTUAL	15
3.1 As condições da análise.....	15
3.2 Transferência Imaginária, Simbólica e Real.....	16
3.3 Sobre a transferência Imaginária	17
3.4 Sobre a transferência Simbólica	19
3.5 Sobre a transferência em seu aspecto de Real	21
4 ANÁLISE VIRTUAL: REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A experiência da análise, como fundada por Freud, pressupõe a presença física de analista e paciente. Contudo, o nascimento da psicanálise foi permeado por uma série de relações em que esta condição não existia. Em suas cartas a Fliess, ao pai de Hans, e aos seus supervisionandos, Freud nos oferece alguns exemplos de análise e supervisão em que analista e paciente não compartilham o mesmo espaço físico. Já àquela época, várias circunstâncias tornavam necessário o atendimento à distância: mudança de cidade ou país, escolha de um profissional em outra localidade, impossibilidade de se afastar de casa por doença ou por cuidado com filhos, entre outros.

O meio virtual da época (fim do século XIX e início do século XX) eram as cartas escritas. Meio que possibilitava a manutenção das relações de amizade, amorosas e comerciais. As cartas percorriam longas distâncias, por longo tempo. Mas carregavam e entregavam a presença do outro através da escrita.

No final do século XIX, o telefone foi inventado e seu uso foi possível a partir do século XX. O telefone possibilitou a conexão com outra pessoa por voz, de forma síncrona. No Brasil, a experiência do Centro de Valorização da Vida – CVV –, serviço de atendimento a urgências psíquicas por telefone fundado em São Paulo em 1962, pode ser considerada uma das primeiras formas de atendimento psicoterapêutico virtual. Este serviço é endereçado a pessoas na iminência de cometer suicídio, sujeitos em alto grau de urgência. Trata-se de experiência historicamente efetiva. Interrogar se a análise é possível nestes casos resultaria numa pesquisa aprofundada do serviço. No escopo deste trabalho, a citação do CVV se limita a destacar um exemplo de experiência que, historicamente, presentifica a voz do terapeuta através de um meio tecnológico simples e acessível, que é o telefone. (BELO, 2020, p.21)

O desenvolvimento tecnológico dos séculos XX e XXI vem ofertando meios de comunicação cada vez mais sofisticados. Passamos do telefone fixo ao celular, das cartas aos e-mails, mensagens de texto e aplicativos de conversa (chat), como Whatsapp, Telegram e outros. Hoje, dispomos de recursos e aplicativos de videoconferência que permitem transmissão em tempo real de imagem e som. No campo da psicanálise, essa evolução permite encurtar distâncias e contornar restrições de locomoção, viabilizando o encontro on-line de analista e paciente.

No Brasil, o atendimento psicológico on-line foi autorizado em caráter de pesquisa desde o ano 2000 (Resolução CFP 003/2000), regulamentado em 2005 (Resolução 012/2005) e com novas regras em 2012 (Resolução

011/2012). Esta modalidade de atendimento pode ser realizada de forma assíncrona (e-mail) e síncrona (chat e videoconferência). Esta forma tecnológica de atender vem acompanhada de um grande alcance geográfico e acessibilidade a públicos diversos, como pacientes que residem em outras cidades, ou mesmo outros países, ou que não querem ou não conseguem frequentar sessões presenciais de terapia, seja pela barreira da língua, motivos de saúde ou outros. (CARVALHO; BAIÃO, [201-?]).

Analistas já usam e estão legalmente autorizados a usar o recurso do atendimento on-line há alguns anos. Mas foi durante a pandemia do coronavírus¹ e suas medidas de isolamento social que a análise on-line deixou de ser um recurso para os casos em que o encontro físico não fosse possível e passou a ser o meio possível para início ou continuidade de atendimentos.

A contingência social global suscitou inúmeros questionamentos e discussões entre os psicanalistas a respeito do rigor do método psicanalítico na modalidade de atendimento remoto.

Já não vivemos o isolamento social imposto pela pandemia, mas a realidade da análise on-line parece ter vindo para ficar. Alguns pacientes se adaptaram tanto às facilidades logísticas desta modalidade, que preferem seguir on-line. Outros já manifestam a preferência pelo encontro físico. O mais determinante da escolha não parece ser a forma, mas quão à vontade o paciente se sente para falar a um analista que oferece escuta cuidadosa e presença, seja física ou mediada por algum dispositivo tecnológico.

Em minha clínica, antes da pandemia, eu já havia incluído o atendimento on-line a pacientes que se mudaram de cidade e desejavam seguir análise comigo. Eram minoria, mas como a transferência já estava presente nestes casos, foi possível seguir, sem grandes diferenças em termos de efeitos terapêuticos. O cenário da pandemia impôs a modalidade on-line como recurso quase exclusivo, mesmo para novos pacientes.

Desta forma, minhas reflexões e questionamentos passaram a se dirigir aos fundamentos, às condições da análise on-line e aos impactos (se é que existiriam) sobre a transferência e os efeitos terapêuticos, comparado ao *setting* analítico tradicional, onde analista e paciente compartilham o mesmo espaço físico.

Tomando como premissa que a análise é um lugar e um tempo de escuta e a transferência é condição essencial para que uma análise se inicie, este trabalho pretende, através de um percurso por pressupostos teóricos que fundamentam a prática da clínica psicanalítica, investigar se a transferência é possível na análise on-line e, sendo, quais seriam as particularidades da transferência nesse novo *setting*. Para isso, realizo um breve percurso no tema da transferência em Freud e em autores orientados pela teoria de Lacan, retomando

¹ A pandemia de COVID-19 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020.

conceitos e premissas fundamentais para o tratamento psicanalítico. Em seguida, introduzo reflexões de autores que vêm se debruçando sobre o tema da análise on-line, em especial durante e após a pandemia do coronavírus. Ao final, apresento algumas reflexões proporcionadas pela minha prática clínica, tentando responder às questões que motivaram esta pesquisa: É possível a transferência na análise on-line? A transferência na análise on-line difere da transferência na análise presencial? Se é diferente, em quais aspectos e quais as prováveis implicações destas diferenças?

Para realizar a discussão proposta, este trabalho apresenta a seguinte estrutura:

- A seção 2 revisita Freud e avança com Lacan e leitores de Lacan, retomando o conceito e a dinâmica da transferência.
- A seção 3 aborda a transferência nas dimensões Imaginária, Simbólica e Real, a partir da orientação psicanalítica lacaniana.
- A seção 4 apresenta uma reflexão sobre a análise on-line a partir de alguns exemplos clínicos.
- A seção 5 apresenta as considerações finais.

Para efeito de simplificação e clareza, adotarei, ao longo deste trabalho, a notação proposta por Quinet: *análise física*, para a que acontece em encontros com presença física de analista e paciente; *análise virtual*, para a que acontece em encontros remotos, mediados por alguma tecnologia de comunicação – telefone, celular, on-line em plataformas para reuniões virtuais e videoconferências (QUINET, 2021, p. 24). Ele classifica a psicanálise on-line como psicanálise presencial, porque pressupõe a presença do analista. Não uma presença física, mas de outra ordem, que se dá pelo ato do analista, em que ele se coloca no aqui e agora da sessão, como semblante de objeto e estabelece um discurso único, que é o discurso do analista. Assim, o autor propõe não utilizarmos a dualidade entre sessões *presenciais* ou *virtuais*, pois defende que em ambas o analista comparece com sua *presença*.

2 TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA: QUESTÃO DE PRESENÇA

“O setting, o dispositivo divã-poltrona, é uma das condições da análise, mas isso não é absolutamente essencial. O essencial é a transferência. Sem transferência, não há análise.”

(QUINET, 2021, p. 25)

Em um de seus textos básicos sobre a transferência, “A Dinâmica da Transferência” (1912), Freud inicia sua reflexão pelo tema do amor, ao afirmar que é através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos de vida que cada sujeito inventa um modo próprio de se conduzir na vida erótica (FREUD, 1996b, p. 111) e que recorre a protótipos, formas estereotipadas que desenvolveu para se relacionar. O analista é incluído numa das “séries” psíquicas que o paciente já formou. A transferência se dará de forma semelhante à *imago* paterna, materna ou fraternal, não somente pelas ideias antecipadas conscientes que o sujeito faz de seu analista, mas também pelas inconscientes. Lacan (1998, p.142) afirma que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente”. Aprendemos a amar sendo amados. Será a partir das primeiras experiências de amor na família que nos posicionaremos no mundo e nas relações amorosas que estabeleceremos. Será também a partir destes protótipos que a relação do sujeito com seu analista poderá ser uma relação de amor, amor de transferência. Mas é o próprio Freud que nos adverte que “o amor transferencial possui talvez um menor grau de liberdade do que o amor que aparece na vida comum e é chamado de normal; ele exhibe sua dependência do padrão infantil mais claramente e é menos adaptável e capaz de modificação” (FREUD, 1996a, p. 185).

A regra fundamental da psicanálise é a associação livre, ou seja, que o analisante comunique ao analista tudo o que lhe vier à cabeça, sem crítica. Para que isso aconteça, é necessário que o paciente estabeleça uma relação de transferência com o analista, endereçando-lhe uma demanda de tratamento. Até este ponto, a transferência se estabelece no registro do saber. Lacan (1998) afirma que a transferência é impensável sem o sujeito suposto saber e que o sujeito é suposto saber somente por ser sujeito do desejo. Para que o analista ocupe o lugar de sujeito suposto saber na transferência, segundo Lacan, há de haver o efeito de transferência. “Este efeito é o amor. É claro que, como todo amor, ele só é referenciável, como Freud nos indica, no campo do narcisismo. Amar é, essencialmente, querer ser amado” (LACAN, 1998, p.239).

Uma parte dos impulsos que determinam o curso da vida erótica passa por todo o processo de desenvolvimento psíquico – a que está dirigida para a realidade. Outra fica afastada

da consciência e permanece no campo da fantasia inconsciente. Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, a fantasia inconsciente terá papel importante na catexia libidinal dirigida às novas pessoas que encontrar. O analista, por exemplo, é alvo dessa catexia. (FREUD, 1996b, p.112).

Ainda no texto “A Dinâmica da Transferência, Freud levanta duas questões relacionadas à transferência de interesse específico para os analistas:

“Por que a transferência é tão mais intensa nos indivíduos neuróticos em análise que em outras pessoas desse tipo que não estão sendo analisadas?”

“Por que, na análise, a transferência surge como a resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso?” (FREUD, 1996b, p.112)

Freud afirma que, se as associações de um paciente cessam, ele está invariavelmente dominado momentaneamente por uma associação relacionada com o próprio analista. Se o analista explica esta situação, ela se altera e retornam as associações. Isso esclarece o primeiro problema: a transferência não é mais intensa nos neuróticos em análise. Em pacientes tratados por outras abordagens, a transferência ocorre com a maior intensidade, chegando à servidão mental, haja vista o sucesso dos *coaches* em qualquer assunto na contemporaneidade. A intensidade da transferência não é prerrogativa da psicanálise, portanto, mas da própria neurose. A transferência não é motivada pelo analista, mas é uma função do analisante. Ela está presente desde o início de uma análise. O analista precisa saber utilizar a transferência numa dimensão ética do tratamento, estabelecendo as condições para atuar sobre os efeitos da transferência como resistência, que são o segundo problema levantado por Freud.

Freud esclarece o estabelecimento da resistência lembrando que uma precondição para o desencadeamento de uma psicose é o processo a que Jung (*apud* FREUD, 1996b, p. 113) deu o nome de introversão: a partir da frustração da satisfação, oriunda do mundo externo, a parte da libido dirigida para a realidade (consciente) é diminuída e a parte inconsciente (que mesmo inconsciente, pode alimentar as fantasias) é aumentada. A libido entra num curso regressivo e revive as *imagos* infantis do indivíduo. É a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente. Lacan (1998) lembra que Freud afirmava que “o que não pode ser lembrado se repete na conduta. Essa conduta, para revelar o que ela repete, é entregue à reconstrução do analista” (LACAN, 1998, p. 124). Lacan também adverte que a transferência é o meio pelo qual o inconsciente torna a se fechar e não a passagem de poderes ao inconsciente. Ele esclarece que aí está o paradoxo: o analista deve esperar a transferência para começar a

interpretar; é justamente quando há o fechamento do inconsciente, que a interpretação pode ganhar vulto. (LACAN, 1998, p. 125-126). Esse tipo de situação, na clínica, pode se manifestar com acirramento dos sintomas, atuações e outros fenômenos, num quadro de reação terapêutica negativa.

O tratamento analítico, então, passa a rastrear a libido, torná-la acessível à consciência, pela via da interpretação. Mas as forças que fizeram a libido regredir se erguerão como resistências ao trabalho da análise a fim de conservar o novo estado de coisas, pois a regressão da libido à parte inconsciente foi a defesa construída diante da situação de frustração no mundo externo, que a fez diminuir a parte dirigida à realidade.

Para liberar esta libido regredida, a atração do inconsciente tem que ser superada, a repressão dos instintos inconscientes e de suas produções deve ser removida. Isso é responsável pela maior parte da resistência, que constantemente faz a doença persistir, mesmo após o afastamento da realidade ter perdido sua justificação. E a análise tem que lutar contra as resistências oriundas de ambas as fontes, da realidade e do inconsciente.

Cada associação, cada ato da pessoa em tratamento, tem de levar em conta a resistência e representa uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do reestabelecimento e as contrárias a ele.

Quando algo dos complexos inconscientes serve para ser transferido à figura do analista, a transferência acontece e se anuncia por sinais de resistências, como uma interrupção do tratamento, por exemplo. Um evento desse tipo acontece várias vezes no decurso de uma análise. A ideia transferencial penetra na consciência à frente de qualquer outra porque satisfaz à resistência. A transferência numa análise aparece, portanto, desde o início, como a arma mais forte da resistência. Quando nos aproximamos de um complexo patogênico, a parte deste complexo capaz de realizar transferência é empurrada para a consciência e defendida com obstinação.

O problema da resistência transferencial é que o paciente resta arremessado para fora de sua relação com o analista e para de associar livremente, esquece as intenções que o levaram a iniciar o tratamento e a regra fundamental da análise, torna-se resistente e indiferente às interpretações (argumentos e conclusões que antes lhe impactavam) e muitas vezes atua, colocando em ato os impulsos inconscientes reprimidos que foram trazidos à consciência pela via da interpretação que disparou a resistência. Isso porque o inconsciente é atemporal e estes impulsos, ao serem despertados, são percebidos como contemporâneos e colocados em ato, quase alucinatoriamente. No processo de curar a libido que fugira do consciente do paciente, penetramos no reino do inconsciente e estes impulsos não desejam ser recordados, pois são

inconscientes justamente porque foram recalçados pelos processos de defesa psíquica. O analista tenta compelir o paciente a ajustar esses impulsos ao nexos do tratamento e à sua história de vida, a submetê-los a uma compreensão intelectual, interpretando a transferência. Mas uma luta é travada, nos fenômenos da transferência, entre analista e paciente, entre intelecto e instintos. Ou seja, é porque há transferência, que a resistência é disparada. Mas será também a partir do manejo da transferência que o analista poderá atuar sobre a resistência. Atuar sobre os fenômenos da transferência é uma das grandes dificuldades para o analista, mas são eles, precisamente, que podem tornar imediatos e manifestos os conteúdos inconscientes recalçados.

Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma “neurose de transferência”, da qual pode ser curado pelo processo terapêutico. A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. (FREUD, 1996c, p. 169-170).

Veras (2021) afirma que “transferência significa levar a sério o modo como a relação entre analista e analisante é decisivo na própria cura dos males”. Ele acrescenta que, independentemente da estrutura – neurose ou psicose – só consegue tratar seus pacientes pesquisando regularmente o que se passa sob transferência a cada sessão. (VERAS, 2021, p. 63; 67).

A transferência começa pelo amor, amor ao saber, cujo objeto será o analista, no lugar de sujeito do suposto saber. (LACAN, 1992, p. 239). A partir daí, a demanda de cura do sintoma ou de saber sobre si se transforma em demanda de amor, de presença. O amor de transferência carrega em si a resistência ao desejo como desejo do Outro, o que foi regredido ao inconsciente, pela insatisfação na relação com o Outro. Cabe ao analista fazer surgir na demanda de amor a dimensão deste desejo, o desejo do Outro, elevando o sintoma à categoria de enigma a ser decifrado. Nas palavras de Lacan (1998, p.201), “A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito”. Amor de transferência quer o saber, mas sua finalidade não é o saber em si mas o objeto causa de desejo ("objeto a"). É este objeto que confere à transferência o aspecto de realidade sexual do inconsciente. Lacan afirma que a presença do analista é uma manifestação do inconsciente (LACAN, 1998, p. 121). Esse aspecto de encontro com o real do sexo se contrapõe à transferência como demanda de amor. Para resolver o problema da resistência, o analista precisa se prestar a pagar o preço de ser reduzido

a um significante qualquer, o que o desloca do lugar de suposto saber, para o objeto causa de desejo, fazendo emergir o desejo do analisante na cena analítica, em cada caso.

Neste ponto adentramos a dimensão ética da psicanálise e sua diferença em relação a outras formas de tratamento. Para Lacan, citado por Quinet, é o ato do analista que dá existência ao inconsciente e promove a psicanálise de cada caso.

Dar início a uma psicanálise, a partir da demanda de alguém, depende do psicanalista com seu ato de decisão (...). É o analista com seu ato que dá existência ao inconsciente, promovendo a psicanálise no particular de cada caso. (QUINET, 2002, p. 7-8).

O ato do analista é regido pelo desejo do analista, que abre a possibilidade dele se colocar como "objeto a", que falta, compartilhando dito e semidito, entregando sua presença e seu corpo, entrando em contato com o desconhecido, o desejo inconsciente, sem se sentir ameaçado por ele. O analista não entra apenas com o intelecto, consciente, regras, interpretações e respostas, que corporificariam o Outro sem falta, que é oposto ao que uma análise deve conduzir. Ao instaurar a falta, o analista, com seu ato, abre o campo para que o sintoma do sujeito passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão e desejo de decifração. Esse, sim, o desejo de análise do sujeito, que poderá se opor às resistências do sintoma e do recalado.

Neste ponto de revisão teórica, já podemos responder à primeira questão proposta por este trabalho: a transferência é possível na análise on-line, pois o que a determina é o inconsciente, o sujeito do inconsciente, sua colocação na cena analítica pelo analisante e o que a sustenta é o desejo do analista, fundador do ato, fazendo-se presença, independente do meio, e promovendo a psicanálise na particularidade de cada caso. “Quando conseguimos dessubstancializar esse Outro que é o estranho batendo a porta, a transferência funciona como um S2 que diz: fala o que quiser, estou aqui e agora, de corpo presente, te ouvindo do outro lado.” (VERAS, 2021, p. 275).

Este lado pode ser em frente, face a face, no consultório, ou do outro lado da tela.

Mas como a resistência é disparada pela transferência, grande parte do trabalho do analista está no manejo da transferência. Podemos afirmar que há transferência na “análise virtual”, mas não podemos considerar que os desafios da transferência na “análise virtual” sejam exatamente os mesmos daqueles numa “análise física”.

3 OS DESAFIOS DO MANEJO DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE FÍSICA E NA ANÁLISE VIRTUAL

Promover a psicanálise na particularidade de cada caso envolve acolher o sujeito, escutar atentamente sua queixa, sua dor, sua demanda de cura, de saber e de amor. Mas não se trata de uma conversa, nem tampouco de aconselhamento ou de responder às demandas do sujeito.

Promover a psicanálise de cada caso é promover o sujeito a sujeito de desejo, é acompanhá-lo na travessia de uma posição de queixa, reivindicação e demanda para a retificação subjetiva, descortinando a responsabilidade de suas escolhas e introduzindo o sujeito na dimensão do Outro, para que possa, ao final, confrontar-se justamente com a falta do Outro. Esse percurso só pode acontecer sob transferência. Certamente não acontecerá sem resistência, uma vez que ela é parte da transferência.

3.1 As condições da análise

Quinet (2005) discorre sobre as quatro condições que definem o *setting* analítico a partir do texto fundamental de Freud, “Sobre o início do tratamento” (FREUD, 1996d). São condições e, não, regras, uma vez que a única regra para a psicanálise é a associação livre. São elas: entrevistas preliminares, o uso do divã, tempo e dinheiro. E introduz como mais uma, a passagem do analisante a analista, no final da análise.

As entrevistas preliminares se iniciam a partir da queixa inicial e permitem ao analista diagnosticar e entender a demanda. Nesse tempo preliminar ao tratamento, a transferência poderá ou não ser estabelecida e caberá ao analista saber utilizá-la.

Uma vez que haja transferência, a resistência pode se apresentar de várias maneiras, ao longo de uma análise, como por exemplo: o analisante pode evitar falar sobre certos temas relacionados a experiências passadas ou relacionamentos; pode projetar seus sentimentos ou atitudes negativas no analista; pode sabotar, inconscientemente, o tratamento, embora concorde aparentemente com o analista nas sessões; pode testar os limites do analista, por exemplo, através de atrasos recorrentes, cancelamentos de última hora, ou tentativa de controlar o tempo das sessões; pode se tornar defensivo ao se sentir atacado ou criticado por uma interpretação ou intervenção do analista; pode resistir a explorar mais a questão em pauta, interrompendo a associação livre.

Estas manifestações de resistência são passíveis de acontecer tanto na análise física quanto na análise virtual e não devem escapar à atenção do analista. Contudo, em relação a atrasos e cancelamentos, destaca-se uma particularidade na análise virtual:

[...] uma percepção minha em relação aos atendimentos on-line que tenho realizado é a diminuição do cancelamento de consultas (em comparação ao atendimento presencial) (...) com os atendimentos on-line parece haver uma disponibilidade maior dos pacientes e, conseqüentemente, um comprometimento maior com seus horários e suas próprias demandas. (MILAROSKI, 2005, p.6)

Esse é um dado que também observo em minha clínica. O atendimento virtual é mais disponível e acessível, considerando os deslocamentos em trânsito das grandes cidades, as agendas muitas vezes sobrecarregadas dos analisantes e as distâncias geográficas, quando analista e analisante não residem na mesma cidade. Estes fatores parecem contribuir para a redução de atrasos e cancelamentos. Analisantes em modo virtual raramente perdem uma sessão e tendem a considerar mais frequentemente o tempo da sessão um compromisso prioritário em suas agendas semanais.

3.2 Transferência Imaginária, Simbólica e Real

A partir da leitura lacaniana, Quinet propõe, com Lacan, pensarmos a transferência nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real (QUINET, 2021, p. 25). Este me pareceu um bom eixo para refletir sobre os desafios do manejo da transferência na análise virtual, num paralelo com o *setting* tradicional da análise física.

A transferência imaginária seria o amor de transferência dirigido ao analista como semelhante. Ela deve ser neutralizada para que a transferência simbólica ocorra, como amor que se dirige ao saber, no campo da fala e da linguagem, que situa o analista no lugar do Outro, do inconsciente. A partir daí, há análise, mas o analista não pode encarnar o Outro que responde e, sim, o que interroga o desejo do sujeito e faz enigma. Este é o plano das interpretações que levam o sujeito a se perguntar sobre suas falas, escolhas e atos. No registro do Real, o analista é a causa da transferência. Presentifica o "objeto a", causa do desejo (transferência) e do mais de gozar (resistência), como motor da análise. O analista faz emergir o "objeto a" através do corte da sessão, ou do corte na cadeia significante da fala do analisante. É essa presença do analista, que se dá em ato, que estabelece o discurso da análise e produz efeitos.

3.3 Sobre a transferência Imaginária

A transferência imaginária é a de ego a ego, em que o analisante tenta colocar o analista no lugar de amigo e a análise no *status* de conversa ou aconselhamento. Nas entrevistas preliminares, período preliminar à análise, o sujeito se dirige ao analista no face a face, seja poltrona a poltrona, seja tela a tela.

Em “Sobre o início do tratamento”, Freud, ao indicar o uso do divã, apresenta a razão pessoal de não suportar ser encarado por outras pessoas durante muito tempo e não desejar que suas expressões faciais deem margem a interpretações do paciente ou influenciem sua fala. (FREUD, 1996d, p. 149). Quinet afirma que a principal razão do divã na análise se deve à estrutura da transferência, ou seja, é uma tática para dissolver a pregnância da transferência imaginária para favorecer a emergência da transferência simbólica. Cita a passagem do Seminário XI, em que Lacan ressalta que “o plano da reciprocidade do olhar-olhado é, para o sujeito, o mais propício ao álibi.” (QUINET, 2005, p. 39-41).

Na análise física, portanto, temos no dispositivo do divã um instrumento para apagar a imagem do outro, visando desacelerar o desconhecimento do eu para fazer emergir o discurso do Outro. E na análise virtual? De quais recursos podemos lançar mão para redução do imaginário? Se o analista desliga a câmera, o que resta é a voz. Caldas (2020, p.1) defende ser “muito precário se valer do mínimo do corpo, olhar e voz, que as telas e áudios transmitem, para fazer operar alguma transferência. Ela afirma que o rosto toma muito mais a cena na análise virtual do que na análise física e lembra que Freud comenta que o fato do paciente observar o ambiente ao seu redor pode ser um sinal de resistência. Ela também afirma que o face a face das telas impede o olhar oblíquo, que poderia ser uma das intervenções do analista, para não responder do campo especular. Ela acrescenta, ainda, que, nos dispositivos digitais, analista e analisante se veem um ao outro, mas também a si próprios. Considera esta “uma experiência de encontro com o infamiliar mais intensa do que a narrada por Freud, surpreendido ao olhar uma superfície que espelhava sua imagem”. (CALDAS, 2020).

Quinet alerta para a importância do analisante permanecer com a câmera aberta na análise virtual para que sua enunciação corporal não passe despercebida. Ele lembra que “a enunciação é aquilo a que o analista tem que estar atento na atenção flutuante” (QUINET, 2021, p. 32).

A enunciação verbal é a forma como o sujeito fala, por onde passa o desejo, de onde advém a significação e pode ser percebida, sem grandes prejuízos, através da tela, num dispositivo digital. Já a enunciação corporal é a forma como o corpo do sujeito reage enquanto

ele fala. É muito importante como manifestação do inconsciente, que está na fala, mas também no corpo e em sua performance. Esta última pode ser mais difícil de capturar numa análise virtual.

Milaroski (2020) acrescenta que a impossibilidade de enxergar todo o corpo do paciente limita a percepção do que está acontecendo durante a sessão, porque a tela fragmenta o analisando, não permitindo ao analista observar movimentações de braços, mãos ou pernas, além daquilo que o paciente decide mostrar, sendo mais difícil perceber sinais de nervosismo e ansiedade, por exemplo.

Se há limitações, há também uma gama de elementos imaginários presentes no ambiente escolhido pelo paciente para fazer a sessão. Se está em casa, qual ambiente da casa escolhe? Tem privacidade ou a sessão é continuamente interrompida por alguém da família ou do trabalho? Como está o ambiente ao fundo do paciente? Estas são observações que não devem escapar à atenção do analista, podem dizer muito do analisante e podem ser também manifestações de resistência. Já realizei muitas sessões em que o analisante escolheu ficar no carro, por não se sentir à vontade, ou não ter privacidade em casa.

Numa análise física, o olho no olho é possível e sua retirada na passagem ao divã pode favorecer a emergência da transferência simbólica. O analista também pode fazer uso de recursos como desviar o olhar, fazer cara de paisagem ou se movimentar pelo ambiente, como forma de intervenção sobre a transferência imaginária, visando privilegiar a fala. Esse tipo de intervenção é possível tanto na análise física, quanto na análise virtual.

Se na análise virtual não dispomos do recurso do divã para evitar o face a face, há uma limitação tecnológica que me parece operar efeito sobre a reciprocidade de olhares e tenho observado em minha prática. Nas plataformas e aplicativos de reuniões virtuais, temos a imagem do interlocutor e nossa própria imagem. Automaticamente, tendemos a olhar para o quadro da imagem do interlocutor que aparece na tela, mas ele só verá nosso olho dirigido a ele, se olharmos para a câmera e não para a imagem que nos chega. Sendo assim, discordo de Caldas quando ela afirma que as telas impedem o olhar oblíquo. Parece-me justamente o contrário: quase nunca acontece o olho no olho e essa já seria uma limitação no campo da reciprocidade. Lima nos lembra que Lacan destaca o caráter ambíguo da pulsão escópica, diferenciando visão e olhar e identificando o olhar com o objeto:

O olhar é o "objeto a" no lugar do Outro. Na experiência especular, existe um ponto cego, uma parte faltante, que corresponde ao que do registro real não é especularizável. O olhar é esse objeto perdido e, repentinamente, encontrado na conflagração da vergonha, pela introdução do outro. Na relação que estabelecemos com as coisas, tal como constituída pela visão, algo escapa,

passa, se transmite de piso a piso, para ser sempre em certo grau elidido, é isso o olhar. Lacan diferencia o olhar ou o escópico (real) da visão ou do especular (imaginário). A dimensão escópica, apesar de não poder ser vista, dá razão a aquilo que se vê (especular). (LIMA, 2014, p. 309).

A esquizo do olho e do olhar introduz essa falta, o que escapa (olhar) e é recoberto pelo imaginário (olho). Na análise virtual, essa limitação ao olho no olho através do dispositivo tela-câmera poderia funcionar como um limite à transferência imaginária, favorecendo a associação livre e a emergência da transferência simbólica.

Quinet relata que muitos de seus analisantes virtuais acompanham suas falas vagando com o olhar, como se estivessem vendo as cenas que relatam ou mais atentos aos pensamentos que expressam do que ao olhar para o analista (QUINET, 2021, p. 26).

3.4 Sobre a transferência Simbólica

Quinet defende que o inconsciente se manifesta na análise, primeiramente pela associação livre, cadeia significativa que se endereça ao analista no lugar do Outro, e que essa cadeia começa a se desenrolar antes da sessão, num pensamento, num sonho, numa idéia que acontece e o sujeito pensa em contar ao analista. (QUINET, 2021, p. 29). Para ele, em termos de transferência simbólica, a associação livre não muda em nada, da análise física para a análise virtual. Tais manifestações do inconsciente acontecem em ambos os *settings*. O analisante sonha, relata sonhos, comete atos falhos, equívocos, troca palavras, faz pausas, trocadilhos, hesita, silencia... Enfim, o deslizar da cadeia significativa, que se endereça ao analista no lugar do Outro, acontecerá pela via da associação livre em ambos os *settings*.

A transferência simbólica implica o amor de transferência e a demanda de amor que se dirige ao saber. Demanda que não deve ser respondida, para fazer aparecer o desejo. O analisante deve ser convocado a se interrogar sobre o desejo do Outro e seu próprio desejo. Por isso, é tão importante o analista deixar o enigma sempre presente, para que o analisante busque decifrar e interpretar. Se a transferência, enquanto resistência, fecha, a interpretação do analista convoca o inconsciente, discurso do Outro, a despeito da transferência. “Desse modo, a interpretação do analista suscita o inconsciente ou, como melhor ilustra Lacan: ‘é ele [o discurso do Outro, o inconsciente] que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo’ (LACAN, 1988, p.126 *apud* PISETTA, 2006, p.98).

A interpretação deve, portanto, abrir questões para o analisante, provocar mais associações, pois, ao falar e se escutar, é que o analisante pode começar a perceber como se constituiu seu sintoma e desejar se tratar pela via da psicanálise. O analisante pode também

silenciar, interromper a cadeia significante, não como resistência, mas como manifestação do objeto causa do desejo do sujeito, depositado no lugar do analista. O silêncio do analista numa interrupção assim pode ter efeito de ato, de um Outro que cuja mensagem é: não há significante, não há nomeação, não há representação. O analista aqui não responde do lugar do Outro, levando o analisante a se defrontar com a falta do Outro.

Milaroski afirma que “no caso de um atendimento que se inicia on-line, essa entrada em análise pode levar mais tempo para acontecer, ou mesmo não chegar a acontecer, o que não impede a continuidade do tratamento” (MILAROSKI, 2020, p. 4).

Entretanto, a não entrada em análise dificilmente pode ser tributada ao fato da análise ser virtual. Nem todos os pacientes que atendemos se tornam analisantes, seja física ou virtualmente. A presença do analista - pontuando, gerando equívocos e se equivocando (propositadamente ou não), escutando os significantes recalcados, interpretando e silenciando, fazendo o analisante passar de uma cadeia significante a outra, para que possa separar-se daquilo que o aliena e ao que se considera submetido – será decisiva no manejo da transferência, que pode levar à entrada em análise. O analista, com seu desejo, está presente tanto na análise física quanto na análise virtual:

[...] com a análise on-line, onde nós não temos o contato físico, mas a presença do analista com sua fala, esta readquiriu uma importância tão fundamental, que parece vir um pouco mais esvaziada do imaginário, do contato corpo a corpo que se dá numa sessão de análise com a presença física. A análise online despertou a palavra ao vivo e a cores. (QUINET, 2021, p. 86).

Seguindo esse raciocínio, seria interessante pesquisar se, ao contrário do que afirma Milaroski (2020), a entrada em análise pode ser promovida numa análise virtual. Isso porque, se a fala do analista resgata sua importância, poderíamos pensar que as intervenções teriam sua eficácia aumentada?

Falar não é um fenômeno só de linguagem, mas também de corpo. Quando se trata de inconsciente, os ditos nunca dizem tudo, porque o sentido sempre fracassa, não há palavra certa que diga toda a verdade de um sujeito. Caldas (2020) acusa a análise virtual de apostar apenas nos ditos, por prescindir do corpo enquanto enunciação, que pode dizer mais que as palavras. Poderíamos questionar se a análise virtual prescinde mesmo dos corpos, ou da enunciação corporal.

3.5 Sobre a transferência em seu aspecto de Real

Se na análise virtual, como Caldas (2020) adverte, temos o limite da presença física dos corpos, parece que enunciado e enunciação ganham força e as elaborações parecem aumentar seu alcance. A voz do analista é sinal de sua presença e a interpretação não se dá apenas pelas palavras, mas também no silêncio (falta da voz), na entonação, no jeito de falar. Assim como o objeto olhar, o objeto voz é objeto de desejo do Outro. Ambos não possuem representação no inconsciente, não são da ordem do simbólico, mas do Real e, por isso, têm efeitos em nossos corpos, ação do significante, para além do significado. “Somos mais afetados pelo fluxo das palavras do que pelos seus significados.” (VERAS, 2021, p. 312).

A voz é um objeto da pulsão invocante, que circula entre o sujeito e o Outro, assim como os outros objetos (olhar, seio, excremento). A pulsão invocante tem mais a ver com a audição que com a fala, pois nos escutamos quando falamos. Então, nossa voz reverbera em nosso ouvido, presentificando a dimensão da voz e do Outro. A voz é, portanto, o objeto que está na interseção entre o sujeito e o Outro, parceiro da transferência, parceiro amoroso. É do sujeito, mas não é, porque está no Outro. É do Outro, mas também não é, porque o sujeito escuta essa voz que vem do Outro. Podemos afirmar, portanto, que, tanto na análise física como análise virtual, a voz e o olhar, que são corporais, presentificam o analista como semblante de "objeto a".

Veras (2021, p. 38) afirma que a voz é nossa capacidade de cortar o ar de nossos pulmões e oferecer este pedaço ao outro e que falar é também um fenômeno de corpo.

A partir destas considerações em torno do objeto voz e também do objeto olhar, cabe interrogar se a análise virtual efetivamente prescinde dos corpos. Olhar e voz, objetos de desejo do Outro, presentificam o corpo do analista na análise virtual. Corpo como algo que não reconhecemos em nós mesmos. O que está em jogo na dimensão Real da transferência é o "objeto a", causa do desejo. O ato analítico, o corte na cadeia significante, o corte da sessão, implicam no encontro com o Real, a presença do analista como presentificação do "objeto a". Neste lugar, o analista é também causa da transferência. “Uma análise só avança quando reduzimos o objeto do desejo ao objeto nada. É quando, como diz Lacan, o desejo é puro desejo.” (VERAS, 2021, p. 43).

Por mais virtual que seja, o encontro ao vivo do olhar e da voz, da ordem do Real da presença, somado ao fato de que o espaço psíquico não corresponde ao espaço físico, permite que haja circuito pulsional ao vivo e a cores. Presença e ato! Atuações também...

Uma condição importante para isso é que a análise virtual aconteça em tempo real. Independente do dispositivo/aplicativo escolhido, é fundamental que analista e analisante estejam on-line simultaneamente. Tanto Quinet (2021), quanto Veras (2021) destacam que a análise virtual só é possível ao vivo. Uma sessão gravada não pode ser considerada análise, pois se perderia a dimensão do vivo, da presença viva de dois corpos simultâneos. “O virtual não pode servir aqui para distanciar os corpos, mas para aproximá-los.” (VERAS, 2021, p. 307).

4 ANÁLISE VIRTUAL: REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA

A análise virtual é modalidade de atendimento cada vez mais presente na clínica psicanalítica. As discussões em torno desta prática, potencializadas pela pandemia do coronavírus, suscitaram resistência e aceitação, mas fundamentalmente, promoveram reflexões importantes sobre os fundamentos da clínica psicanalítica e sua prática fora do setting tradicional.

O psicanalista deve estar à altura de seu tempo e é com seu desejo que deve estar aberto a dispositivos que se apresentam como alternativa potente para continuar fazendo existir a psicanálise. Estabelecer um *setting* virtual exige enfrentamento da idealização da prática e depuração dos elementos técnicos e éticos que sustentam a escuta analítica. Não se trata de abrir mão da análise física, do consultório e do *setting* tradicional, mas de se adaptar aos dispositivos remotos, sem abrir mão do rigor do método psicanalítico. Mais uma vez, reinventar a psicanálise, realizá-la de uma forma diferente, sempre privilegiando o que há de único em cada sujeito. Trata-se, fundamentalmente, de analisar as especificidades de cada caso e de cada contexto, para analisarmos a eficácia ou não de um atendimento clínico on-line. Ainda temos muito a aprender, estudar, refletir e discutir sobre o espaço virtual, seus limites e possibilidades.

A partir de minha experiência em atendimentos virtuais (que se iniciou antes da pandemia) e da leitura de alguns autores referidos neste trabalho, apresento a seguir reflexões e articulações sobre alguns temas que se destacaram, além dos que já foram introduzidos ao longo das seções 2 e 3.

A falta de proximidade física entre analista e paciente na análise virtual pode tornar mais difícil para o paciente estabelecer um senso de intimidade emocional e confiança, que são componentes essenciais da transferência. Por outro lado, a distância física também pode favorecer uma desinibição nas entrevistas preliminares, permitindo aos pacientes expressar sentimentos e pensamentos com maior liberdade, o que propicia a transferência. Aqui mais uma vez, é na particularidade de cada caso que os efeitos da distância física sobre a transferência poderão ser avaliados.

A distância do consultório, dos cheiros e cores do ambiente e do analista, certamente introduz algumas limitações, mas é a própria distância que também pode mobilizar afetos e jogos pulsionais que estarão em ação na análise virtual. Nas cartas de amor, por exemplo, quanto mais distante e ausente o objeto, mais fantasias podem-se mobilizar. Os aplicativos de encontros amorosos são outro exemplo do efeito da distância física, que opera como recurso de

aproximação entre sujeitos inibidos em situações presenciais. A escalada do ódio nas redes sociais também parece apoiar-se na distância física entre ofensor e ofendido.

Durante a pandemia, como analista do Projeto Efeitos², realizei atendimentos virtuais a profissionais de saúde na linha de frente contra o coronavírus. A urgência e a angústia frente a tantas mortes certamente tiveram papel importante no fator pressa, mas, em muitos casos, pude observar que o dispositivo virtual promoveu a associação livre, oferecendo um anteparo ao encontro corpo a corpo, desfazendo a inibição que dificultava a abordagem de questões mais íntimas no início de uma análise.

Outro ponto, já discutido na seção 2, é o fato da presença do analista não se definir pelo espaço físico, mas pelo encontro com o Real, que define sua presença e o ato analítico. A questão da distância física, portanto, não se revela impedimento para que uma análise aconteça.

Ao contrário, os dispositivos de que dispomos para nos conectar atualmente abriram o leque e ampliaram o acesso ao analista: seja porque analista e paciente residam em cidades e/ou países diferentes, ou a longas distâncias urbanas; seja por questões de tempo, deslocamento e agendas cheias, com horários incompatíveis. Alguns de meus analisandos, que iniciaram em modo presencial, mesmo após a pandemia se mantiveram em análise virtual. Outros frequentemente se valem de um modo híbrido, agendando sessões on-line sempre que a agenda está mais apertada. Há, ainda, os que optaram pelo atendimento à distância desde o início do tratamento. Na clínica da adolescência, em geral, há abertura dos jovens às ferramentas tecnológicas, os pais se beneficiam em termos de logística e transporte e os próprios adolescentes, que hoje têm agendas muito sobrecarregas pela escola, viabilizam assim o tempo para análise. Independente de idade, há sujeitos que circulam bem no ambiente virtual, enquanto outros não. Oferecer as duas modalidades de atendimento e deixar a escolha a cargo dos pacientes me parece um bom começo. Mas, em algumas situações específicas, especialmente quando o atendimento on-line favorece a resistência, é preciso convocar o paciente para o atendimento presencial.

O trabalho on-line cansa mais que o presencial. A tecnologia impõe algumas restrições ao trabalho do analista: a visão fragmentada do paciente, as limitações de visão do corpo todo,

² O projeto Efeitos, coordenado pela professora Cristiane Grillo, da Faculdade de Medicina da UFMG, iniciou em março de 2020, oferecendo escuta psicanalítica, através de meio remoto, aos profissionais da área de saúde, expostos a desafios extremos na linha de frente de atendimento a pacientes com Covid-19 em Minas Gerais.

movimentações de braços, mãos e pernas e outras manifestações corporais como suor, tremores etc; o som metálico que distorce vozes e entonação; os travamentos de aplicativos e quedas de energia que, além de interromperem sessões, interferem na escuta silenciosa do analista como intervenção: às vezes, o analisante confunde silêncio com falha técnica e pergunta “você está me ouvindo?” - o que cai é a interpretação! Estes são alguns dos fatores que exigem que a escuta atenta do analista seja ainda mais atenta! Talvez venha daí uma tendência a ser mais cansativo atender on-line que presencial. Há algo de morto no meio tecnológico. Trazer o vivo dá mais trabalho e não há transferência sem corpo vivo.

A análise virtual precisa ser ao vivo, em tempo real. Alguns pacientes preferem falar apenas por voz, outros precisam da câmera, outros apenas mensagens de texto. Seja qual for o modo, a presença dos corpos será afetada se for assíncrono. Mesmo se uma análise se der por troca de mensagens, é necessário acontecer com hora marcada, ambos presentes, on-line. O circuito pulsional pode ser muito prejudicado por um atendimento que não seja ao vivo. Dunker e Thebas (2021) vão além, ao distinguirem a troca de mensagens escritas por *WhatsApp* de uma conversa por voz, on-line ou até mesmo gravada. Os autores afirmam que na troca de mensagens de texto, ao prescindir do tom de voz, altura, ritmo e pausas da fala, os efeitos imaginários são potencializados pelo que eles chamam de “monólogo interior: como você não vê seu interlocutor, você acaba implantando um espelho de seus próprios afetos e reações para ‘dar corpo ao outro’” (DUNKER; THEBAS, 2021, p. 269). Cabe aqui advertir sobre um desafio a mais, que poderia ser introduzido ao manejo da transferência imaginária, numa análise conduzida por troca de mensagens de texto, mesmo que seja online. Além disso, neste caso, de fato estaremos prescindindo da presença dos objetos olhar e voz. Em minha prática clínica virtual, utilizo plataforma de reunião virtual, com câmera aberta em todos os atendimentos. Acredito ser, entre os recursos disponíveis, o formato que minimiza as limitações impostas pela distância física. Especialmente durante a pandemia, observei que frente à angústia geral do isolamento e da ameaça de morte, ver e dar-se a ver tiveram forte efeito sobre o acolhimento do sofrimento dos pacientes.

Quem inicia a sessão? Na análise física, o paciente se compromete com seu tempo e deslocamento ao consultório. É ele quem chega e bate à porta do analista. Faltas, chegadas antes do horário ou atrasos acontecem e isso pode dizer da transferência e/ou do sintoma do paciente. Na análise virtual, alguém tem que chamar para o início da conexão. Quem chama? Pode ser feito um combinado em que o paciente envia uma mensagem na hora marcada, como se batesse

à porta do consultório. Ao analista, caberá abrir a sessão e enviar o convite a participar. Desta forma, não seria perdida a oportunidade de operar sobre faltas, adiantamentos e atrasos. Entretanto, em alguns casos, esse arranjo pode dificultar o comprometimento do paciente, por ser mais fácil esquecer de um compromisso virtual que físico. Outra especificidade a ser considerada é o risco de que, por não ser necessário o deslocamento ao consultório, a disponibilidade on-line do analista pode gerar a falsa impressão de que ele esteja sempre disponível. Casos de pacientes que não respeitam o horário da sessão, ou tomam a liberdade de chamar a qualquer hora pelo WhatsApp, mesmo quando não se trata de uma urgência que justifique o chamado.

Nas plataformas de reuniões virtuais, com câmeras abertas, encaramos nossa própria imagem o tempo todo. Cada um vê ao outro, mas a si próprio também. Caldas (2020) afirma que tem sido uma intensa experiência de encontro com o infamiliar. Não há surpresa em encontrar com a própria imagem, pois já se sabe que estará lá. Mas remete a questão do ideal de ser visto pelo Outro como amável ao plano material, diferentemente da experiência de se olhar no espelho, que é colocada num plano imaterial. Suy (2022) nos lembra que estamos sempre tentando nos identificar com nossa própria imagem, mas que diante do espelho estamos sempre nos corrigindo. Com a alta exposição de nossa imagem on-line, ampliam-se também os filtros e os procedimentos estéticos, visando tornar nossa imagem o mais agradável e atraente ao olhar do Outro, ou seja, no sentido de responder à pergunta: quem sou eu para o outro? Tal questionamento remete à questão do desejo do Outro. (SUY, 2022, p.47)

Nos dispositivos digitais, a questão se localiza na materialidade do olhar do interlocutor (plano imaginário), mais propício ao eu e seu duplo (Caldas, 2020). Freud (1996d), ao propor o divã, revelou seu desconforto em ser olhado durante oito horas por dia. O que ele diria da possibilidade de ter uma imagem de si à sua frente, por longas horas? A visão da própria imagem pode ser um distrator durante a sessão, para ambas as partes, servindo à resistência?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A escuta psicanalítica é, antes de tudo, parte da ética do cuidado, uma forma de permitir que o sujeito se escute e, a partir disso, cuide de si” (Christian Dunker e Cláudio Thebas, O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas, p.68)

“Cada sessão é uma live da palavra” (Antonio Quinet, Análise on-line: na pandemia e depois, p.193)

Vivemos um tempo inédito de nossa civilização. Os avanços tecnológicos acontecem numa velocidade jamais vista e geram mudanças profundas nas relações entre as pessoas e os povos. O volume de informação disponível em nossas mãos através dos *smartphones* e a facilidade de acesso que temos a elas é sem precedentes. Ferramentas de inteligência artificial parecem adivinhar nossos gostos e pensamentos. Veras (2021, p.236) define o imperativo civilizatório do século 21: “todos conectados”. Dormimos e despertamos cotidianamente tendo às mãos o celular. Contudo, na impossibilidade de desconectar-se do mundo, morre o singular, o outro deixa de ser separação e se torna presença massiva. Cabe interrogar de que modo o uso incessante do *smartphone*, novo órgão do corpo (LAURENT, 2017 *apud* VERAS, 2021)³ modula nossa condição de gozo atual. Veras (2021) nos lembra da tripartição do tempo feita por Lacan: instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir. O primeiro e o último movimento dependem do sujeito; e o segundo, tempo para compreender, depende do Outro. Mas ele cita um estudo recente que constatou que o tempo médio de permanência na mesma tela de um *smartphone* é de apenas 20 segundos.

O tempo de compreender depende do Outro. Se o que nos resta para compreender são 20 segundos, qual conexão é possível com o Outro, no tempo do “todos conectados”, da hiperconectividade? Em tempos de conexão tecnológica digital, parece que o mal-estar reside cada vez mais na falta da conexão humana, da palavra que faz agalma, conecta, enquanto o discurso do “todos conectados” parece produzir dispersão e fragmentação.

Quinet (2021) afirma que o psicanalista tem eticamente o compromisso de estar do lado do sujeito e do seu mal-estar, assim como do mal-estar da civilização. Acolhemos hoje, em

³ LAURENT, Éric. Gozar da Internet. **Derivas Analíticas**: Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise-MG, Belo Horizonte, [201-?]. Originalmente publicado na revista La Cause du Désir, número 97: Internet Avec Lacan em novembro de 2017. Disponível em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>. Acesso em: www.revistaderivasanaliticas.com.br

análise, o sofrimento de sujeitos que se sentem perdidos, sem referências, e têm muita dificuldade em estabelecer e fortalecer laços, num mundo em que tudo se conecta, mas não conversa, não escuta, não tem tempo para compreender. Dunker apresenta uma bela imagem sobre a escuta atenta e ativa do analista: “... a arte de escutar é meio oposta à arte de entender. Seria mais justo descrevê-la como a arte metódica e cuidadosa de desentender os outros, de perguntar por que mesmo A leva a B e B leva a C, quando isso está claro e cristalino para quem fala, mas não se escuta” (DUNKER, 2021, p.38)

Aí está a análise, física ou virtual: no espaço entre o instante de ver e o momento de concluir. Entre estes dois tempos, é o analista que se oferece no lugar do Outro que acolhe, escuta, interpreta, interroga, silencia... O espaço em que se dá a experiência analítica é o espaço estabelecido pela transferência e pelo ato analítico. Ato que remete ao mais singular e, assim, reinventa a psicanálise em cada caso.

“A condição da existência da psicanálise é saber, a cada momento, subverter o mandamento do mestre. Mas, assim como para o psicanalista no jogo transferencial, é preciso estar dentro para que sua palavra tenha força”. (CARVALHO, 2020, p.2).

Estas constatações nos levam a concluir que a análise virtual nos chega como o mais íntimo dos *gadgets* de nossa civilização, pois utiliza dispositivos que obedecem ao imperativo de conexão e imediatismo. Mas, fazendo valer e existir a psicanálise, subverte, usando os meios tecnológicos para instaurar presença e palavra, num tempo dilatado. Como na transferência, a análise virtual se conecta ao Outro da tecnologia para que os sujeitos em análise, cuidando de si, possam se desconectar dos modos de gozo impostos pelo imperativo do “todos conectados”.

REFERÊNCIAS

BELO, Fábio. **Clínica psicanalítica on-line**: breves apontamentos sobre atendimento virtual. São Paulo: Zagodoni, 2020. 112p.

CALDAS, Heloisa. **Algumas reflexões sobre a psicanálise no trabalho online**. Rio de Janeiro, 28 abr. 2020. Escola Brasileira de Psicanálise: seção Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ebp.org.br/rj/2020/04/28/algumas-reflexoes-sobre-a-psicanalise-no-trabalho-online/>. Acesso em: 12 maio 2023.

CARVALHO, Gisele Dechen; BAIÃO, Vera Baumgarten Ulysséa. Atendimento psicológico online no Brasil: de 2000 a 2014. Florianópolis, [201-?]. Disponível em: <https://giselledechen.com.br/atendimento-psicologico-online-no-brasil-de-2000-a-2014/> Acesso em: 12 maio 2023. .

CARVALHO, Rodrigo Lyra. **Atividades virtuais em tempos de pandemia**: breve reflexão sobre a Escola em um mundo não todo. Correio Express: Revista Eletrônica da Escola de Psicanálise. São Paulo, 14 jul. 2020. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/07/14/atividades-virtuais-em-tempos-de-pandemia-breve-reflexao-sobre-a-escola-em-um-mundo-nao-todo/?highlight=Atividades%20virtuais%20em%20tempos%20de%20pandemia%3A%20breve%20reflex%C3%A3o%20sobre%20a%20Escola%20em%20um%20mundo%20n%C3%A3o%20todo. Acesso em: 12 maio 2023.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2021. 256 p.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência [1912]. *In*: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911 - 1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 109-119. (Obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 12)

FREUD, Sigmund. O infamiliar. *In*: Freud, Sigmund. **O infamiliar [Das Unheimliche]; seguido de O Homem da Areia, de E. T. A. Hoffmann**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-125. (Obras Incompletas de Sigmund Freud, v. 8). Ed. comemorativa bilíngue (1919-2019).

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III) [1914 ou 1915]. *In*: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911 - 1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 173-188. (Obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 12)

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise [1912]. *In*: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911 - 1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 121-133. (Obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 12)

FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir e Elaborar [1914]. *In*: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911 - 1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 161-171. (Obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 12)

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I) [1913]. *In*: FREUD, Sigmund. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911 - 1913)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 137-158. (Obras completas psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 12)

GOBBATO, Gilberto Gênova. Transferência: amor ao saber. **Ágora**, v. 4, n. 1, p. 103-114, jan./jul. 2001.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIMA, Nádia Laguárdia de. **A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MILAROSKI, Ana Maria. Desdobramentos da clínica psicanalítica no atendimento online: um relato de experiência. **Cadernos de Psicologia**, Curitiba, n.1, 2020. Disponível em: https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Desdobramentos-da-clinica-psicanalitica-no-atendimento-on-line_-um-relato-de-experiencia-%E2%80%93-Revista-Cadernos-de-Psicologias.pdf. Acesso: 12 maio. 2023.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n.1, p. 95-103, jan./mar. 2012.

QUINET, Antonio. **Análise online: na pandemia e depois**. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2021.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. 10 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022. *E-book*.

VERAS, Marcelo. **Ruídos e silêncios da vida confinada**. Salvador: LDM, 2021.